



## PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE REPRESENTACIONAL DO GÊNERO FEMININO

*Susana de Castro \**

### RESUMO

Neste artigo é feita uma análise crítica da noção identitária de ‘Mulher’ e ‘Gênero’ usadas hoje em dia para caracterizar o movimento feminista. Apoiando-se na crítica foucaultiana à noção de sujeito puro e na crítica de Derrida ao discurso binário da metafísica, a autora aponta para os caminhos revisionários do feminismo no novo século.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Gênero. Sujeito.

### ABSTRACT

In this paper we find an analysis of the identitarian notion of ‘woman’ and ‘gender’ used to characterize the feminist movement. Supported by the Foucauldian notion of pure subject and Derrida’s criticism on the binary metaphysical discourse, the author points out revisionist ways of dealing with feminism in our time.

**KEY-WORDS:** Feminism. Gender. Subject.

---

\* Professora de FILOSOFIA da *Faculdade de Educação da UFRJ*. Doutora em FILOSOFIA pela *Universidade de Munique* (Alemanha).



A descoberta moderna, com Descartes, da subjetividade, proporcionou ao ser humano a falsa impressão de que seríamos livres porque responsáveis pela nossa própria formação identitária. Segundo Descartes, o pensamento (subjetividade) existiria antes da experiência das coisas no mundo (objetividade) e, por isso, cada qual seríamos primordialmente um sujeito vazio apto a construir sua identidade do modo que lhe convier, desde que racionalmente. O pensamento pós-estruturalista de Michel Foucault denunciaria esta falsa liberdade identitária do sujeito. Foucault mostra que o inverso é verdadeiro, isto é, não há sujeito vazio, mas quando se fala em sujeito de pensamento, já se está assumindo uma determinada classificação identitária institucional. Por exemplo, o sujeito da educação, o aluno, o sujeito da medicina, o doente, o sujeito da prisão, o criminoso etc. Para Foucault a noção do sujeito já surge dentro de um universo identificador, respondendo a uma pulsão classificatória das instituições humanas, e não o contrário<sup>1</sup>.

Acredita-se, normalmente, que a criação a partir da modernidade das novas instituições sociais como a escola, a prisão, a fábrica, o hospital psiquiátrico, entre outras, simbolizaria uma libertação do ser humano das amarras do totalitarismo religioso transcendente em prol de um retorno ao humano, sua corporeidade, suas emoções, etc. Foucault, entretanto, denuncia o humanismo como um movimento de criação de tecnologias de 'eu'. Depois de classificar os indivíduos segundo seus interesses, as instituições 'humanistas' modernas teriam a função de controlá-los e vigiá-los – justo o oposto da 'liberdade' do sujeito pensante cartesiana.

---

<sup>1</sup> Ver Michel Foucault. *A verdade e as formas jurídicas* e *A ordem do discurso*.

Se, por um lado, o humanismo apresenta-se, contrariamente ao que normalmente se pensa, como um mecanismo de controle e vigilância, por outro, o feitiço virou contra o feiticeiro e, dialeticamente, o mecanismo de controle virou uma arma de sublevação. Assim, apesar do corpo da mulher ser objeto de investigação médico-psiquiátrica no século XIX, ao mesmo tempo, a sua categorização identitária, p.ex. ‘a histeria *das mulheres*’, ‘o sexo castrado *das mulheres*’, ‘a *mulher* operária’, ‘etc., conduziu as mulheres à formação de uma consciência identitária de grupo e, com isso, permitiu-lhes a associação solidária em prol da luta pelos seus direitos.

Hoje em dia, graças às suas conquistas coletivas, as mulheres estão muito mais presentes nas esferas públicas da política, do conhecimento e do trabalho, do que estavam, de uma maneira geral, há um século atrás. O mito metafísico da natureza exclusivamente biológica da mulher vai sendo pouco a pouco destruído. Assim, apesar de muita coisa ainda precisar ser feita, o movimento feminista pode agora respirar mais livremente e permitir-se uma análise autocrítica sem pôr a perder aquilo que já conquistou.

Por um lado, o conceito identitário de ‘mulher’ segue as mesmas estratégias das tecnologias do ‘eu’ denunciadas por Michel Foucault em seus textos, por outro, a noção de gênero *feminino* criada por oposição ao gênero *masculino* reproduz a estrutura bi-valente herdada da metafísica platônica, como Jacques Derrida nos mostra<sup>2</sup>. A possibilidade do uso das teorias de Derrida e Foucault para analisar criticamente as noções de *mulher* e de *gênero*, foi mostrada por Judith Butler em *Problemas de gênero*.

---

<sup>2</sup> *A Farmácia de Platão*.

## O CONCEITO IDENTITÁRIO DE ‘MULHER’

Fala-se, hoje em dia, muito em ‘política de mulher’, ‘delegacia de mulher’, ‘prisão de mulher’, ‘problemas de mulher’, ou em ‘literatura feminina’, ‘psicologia feminina’, etc. O uso atual indiscriminado destas categorias ‘a mulher’ ou ‘as mulheres’ ou ‘o feminino’ revela uma absorção da problemática da mulher pela sociedade, que já a incorporou em seus espaços públicos como uma questão real e relevante. Se, por um lado, essa absorção é salutar porque impulsiona a ação de defesa e luta pelos direitos das mulheres, por outro, temos razões para suspeitar de toda ação institucional, oficial, da sociedade, como nos mostra Foucault. O modo segundo o qual dá-se a incorporação de determinado tema, antes marginal, à agenda pública, é idêntico em todos os casos.

A fim de agregar ao núcleo de sua representatividade determinado grupo de indivíduos, a sociedade e suas instituições públicas necessitam dar-lhe um conceito classificatório, nenhum conceito, porém, consegue refletir a pluralidade e diversidade natural das coisas e dos seres, mas nivela-os sempre a uma unidade comum. O resultado já conhecemos: o conceito que fora forjado para justificar a criação de políticas públicas voltadas para determinado coletivo acaba virando paradoxalmente uma marca identificatória dos próprios indivíduos que compunham este coletivo, cria-se, assim, *tipos* de sujeitos. Os indivíduos supunham-se, ao menos no que acreditavam ser núcleo do seu ser, a consciência de si mesmo, imunes às influências externas, no entanto, não o são. Se, por um lado, não há como escaparmos da ação formadora das instituições e dos discursos oficiais sobre o sujeito, pois nada há anterior a elas

que pudesse se configurar como um sujeito puro, por outro, nos tornamos, desta forma, seres facilmente identificáveis e, portanto, também presas fáceis da vigilância e do controle.

O reconhecimento de que o uso político do conceito de ‘mulher’ ou ‘mulheres’ como emblema de diferença e de reivindicação, não pode conduzirmo-nos a uma posição reducionista, segundo a qual todas as nossas ações, sejam elas quais forem, possam ser enquadradas no mesmo padrão, faz parte da postura autocrítica do movimento pós-feminista contemporâneo.

#### GÊNERO FEMININO VERSUS GÊNERO MASCULINO

A emancipação das mulheres, suas lutas pela conquista da igualdade de direitos conduziu a sociedade moderna industrial a uma ruptura com seu modelo racionalista. Segundo a nova visão, o critério de ‘neutralidade’ científica serviria a uma justificação *autoritária* de separação entre discursos verdadeiros, porque neutros, e falsos, porque parciais. O movimento feminista denuncia a incongruência dessa separação. O verdadeiro não pode ser neutro, uma vez que os autores dos discursos verdadeiros não são ‘neutros’, mas, sim, marcados pelo gênero a que pertencem, o masculino.

Apoiando-se na crítica de Derrida à estrutura binária da linguagem, cujo fundamento estaria na metafísica platônica, Judith Butler <sup>3</sup> mostra que, paradoxalmente, apesar de ter apontado para a farsa da pseudo-neutralidade e pseudo-universalidade do pensamento, fruto da dominação masculina, o movimento feminista não conseguiu escapar da mesma

---

<sup>3</sup> Judith Butler. *Problemas de gênero*.

estrutura hegemônica que permearia o pensamento masculino. Assim, ao criar a categoria de *gênero* para diferenciar a abordagem cultural do sexo, do sexo (biológico) ele mesmo, o movimento feminista recorria explicitamente a um ato de criação de conceitos por oposição. Na medida em que se apoiavam na diferença cultural do gênero feminino, as feministas ao mesmo tempo estavam dizendo que o conceito de feminino é entendido por oposição ao conceito de gênero masculino. Assim:

A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e para o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina heterossexista<sup>4</sup>.

Judith Butler denuncia aqui a camisa de força que a noção de gênero feminino pode representar em função da sua construção por oposição ao gênero masculino heterossexual. Nessa construção não está sendo levada em conta a polimorfia do desejo masculino, sua manifestação não exclusivamente heterossexual. O desejo heterossexual do homem pela mulher e vice versa é o que define a relação cultural dos gêneros, entretanto, esta armação de conceitos a partir de seus opostos é um método comum à estrutura de pensamento binário, que havia sido denunciada pelos movimentos feministas, como estrutura patriarcal.

## CONCLUSÃO

Os caminhos da continuação no século XXI do movimento feminista passam por uma revisão crítica de seus pressupostos

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 59.

conceituais. Não podemos querer reproduzir os mesmos erros que havíamos criticado no patriarcalismo. Desta forma não convém, por exemplo, universalizar todo o debate sobre as reivindicações feministas como se em todas as culturas as reivindicações fossem as mesmas, nem acreditar que a definição da mulher deve acontecer através da negação do masculino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Butler, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Derrida, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

Foucault, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.